

## O MUNDO CABE NAS MÃOS? CELULARES E TECNOLOGIAS MÓVEIS NOS COTIDIANOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Luciana Velloso (1); Mariana Vinagre (2); Erica Oliveira (3); Isabelle Pessanha Barroso (4)

- (1) *Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – lucianavss@gmail.com*  
(2) *Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - marianavinagre21@gmail.com*  
(3) *Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - ericabsdeoliveira@yahoo.com.br*  
(4) *Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - isabellepb31@gmail.com*

**Resumo:** Neste texto, apresentamos resultados de pesquisa realizada junto aos alunos e alunas da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), buscando compreender seus usos de recursos tecnológicos, com destaque para as mídias digitais móveis. Com base na discussão teórico-analítica do Paradigma das Mobilidades, elaborada por John Urry (2000, 2007, 2010), a pesquisa utiliza metodologias de cunho etnográfico, lançando mão de observações, registros em caderno de campo e questionários. Consideramos elementos como as facilidades e dificuldades dos discentes para lidarem com os recursos, as cobranças docentes e a relação com o currículo do curso, as diferentes formas de comunicação entre as turmas e como tais elementos repercutem em sua formação. A partir de interlocuções feitas com referenciais como Bonilla e Pretto (2011, 2015), Castells (2003), Lemos e Di Felice (2014), articulamos o tripé currículo, tecnologias, diferentes espaços de sociabilidades e influências culturais, tentando compreender este espaço de interseção que envolve os usos dos recursos tecnológicos e da vida em rede. Estas relações são observadas a partir do cotidiano de estudante que ao mesmo tempo em que são incluídos a partir do momento em que estão conectados/as nestas redes digitais, também podem se sentir, nos termos de excluídos do interior (BOURDIEU e CHAMPAGNE, 1998), da instituição, ao não dominarem os novos códigos demandados pela mesma. Estas discussões incidem diretamente na formação de nosso alunado e suas possibilidades para serem produtores e não meramente consumidores de conteúdos digitais.

**Palavras-chave:** Inclusão Digital e Social, Novas Tecnologias, Formação Docente.

### Introdução

A partir de nossas experiências na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *campus* Maracanã observamos que grande parte do alunado<sup>1</sup> parece se utilizar de tecnologias móveis para os mais diversos fins, seja para acompanhar textos digitalizados, acessar *sites*, para se comunicar em redes sociais e programas de conversas (as turmas criam grupos no programa de celular *WhatsApp* e naquele espaço trocam informações em um ritmo incessante) e talvez para o recurso mais óbvio mas que vem perdendo espaço para as outras tantas possibilidades de interação: para ligações telefônicas.

---

<sup>1</sup> As turmas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ, são bastante diversificadas. Possuem tanto alunos/as que acabaram de sair do Ensino Médio e ingressaram direto na Universidade, quando alunos/as que tiveram um percurso de interrupções de estudos, que conciliam trabalho, casa e trabalho e são oriundos de localidades bastante distintas do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, são usuais frases como: “*Mas eles não largam esses celulares!*”; “*Não se conversa mais, as pessoas não se olham*”, “*Larga esse aparelho e presta atenção na aula!*”... tantas frases ouvidas (e ditas sobretudo por docentes), que caracterizam muito deste momento em que vivemos, de observar um mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias, seja em termos de relações profissionais, políticas, econômicas e diretamente pessoais. A ideia do mundo “cabendo em nossas mãos” é uma associação direta à forma como hoje em dia os contatos entre pessoas dos mais diversos lugares se dão de forma instantânea, direta e invariavelmente eficaz. Bastam alguns cliques, deslizar de dedos sobre uma tela e informações das mais variadas nos chegam, com uma velocidade que em outros tempos não tão remotos seria impensada.

É cada vez mais notório hoje em dia que mudanças têm se dado no que se refere aos contatos entre pessoas dos mais diversos lugares. Estes se dão de forma direta, muito por conta da difusão, em lugar das mídias tradicionais, das mídias atuais mais colaborativas (JENKINS, 2009; JENKINS; GREEN, FORD, 2014).

Para além de discussões que se antagonizam entre malefícios ou benefícios supostos pelas interações virtuais, objetivamos analisar a partir de trajetórias e contextos de alunos e alunas, como se dão suas relações com estes recursos, seus níveis de capital de rede e possibilidade de mobilidade e/ou imobilidade nesta lógica das redes (URRY, 2000, 207, 2010).

Buscamos rever diferentes níveis de uso, acesso e dependência dos recursos tecnológicos, questionando também formas de lidar com os mesmos atrelando a uma discussão sobre uma formação para o uso destes recursos. A partir de tais observações de nossas vivências no curso de Pedagogia da UERJ, vista aqui como um verdadeiro microcosmo social, que começamos a nos indagar sobre estas relações mediadas por aparelhos digitais.

De acordo com Lemos e Di Felice (2014), a Internet é a quarta inovação tecnológico-comunicativa, seguida pela banda larga, pela Web 2.0 e atualmente já caminhando para a Web semântica. As inovações precedentes foram, no entendimento do autor, verdadeiras revoluções, como a passagem da oralidade para a escrita, a tipografia no século XV, com a invenção de Gutemberg e a eletricidade que trouxe consigo a mídia de massa (TV, cinema, imprensa etc.).

Como avalia Castells (2003) em “A galáxia da internet”, podemos considerar que, utilizando a metáfora da “galáxia”, a Internet é vista cada vez mais como o tecido de nossas vidas, tornando-se a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a

rede. O autor define rede como um conjunto de nós interconectados. Embora a formação de redes seja uma prática humana antiga, estas têm ganhado vida nova em nosso tempo, “transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003, p.7).

Na busca de mapear essas diferentes mobilidades e como se dão, intentamos observar os movimentos de inclusão e exclusão que as tecnologias móveis e seus usos em sala de aula e em diferentes espaços ligados à vida universitária podem propiciar, a partir da ótica dos próprios discentes. Entendemos que o acesso às tecnologias implica gradações e o fato de não possuir um computador em casa não implica necessariamente exclusão, já que acesso pode se dar por outros caminhos, como trabalho, escola, *lan houses*, dispositivos móveis, dentre outros (BONILLA e PRETTO, 2011).

Com esses dispositivos, é possível acessar, interagir, produzir, publicar em diferentes tempos e lugares, criando-se um contexto de “comunicação ubíqua”, que se dá em toda parte (PRIMO, 2008, p. 61) e abre o fluxo comunicacional em todas as direções, com a possibilidade de qualquer pessoa, em qualquer lugar, poder participar e trabalhar. A relação perto e longe se esgarça, pois a participação e a colaboração independem dos contatos físicos, sendo descentrada e desterritorializada (BONILLA e PRETTO, 2015).

Desse modo, justificamos a importância de questionar até que ponto os/as estudantes de Pedagogia, futuros professores/as, se utilizam e se apropriam de recursos tecnológicos de informação e comunicação como Smartphones, internet, aplicativos de conversas instantâneas etc.; como se dão seus acessos a informações e contatos; se dispõem de equipamentos de comunicação; como e onde se encontram para estudar e realizar tarefas conjuntas, seja virtualmente ou fisicamente; como negociam seu tempo para lidar com as demandas do curso universitário e em que medida o uso destes recursos tecnológicos contribui para estas negociações.

### **Metodologia, Resultados e Discussões**

Temos buscado o aporte metodológico que nos permita considerar a fluidez e a provisoriade de nosso campo empírico e das constantes mudanças que o universo da cibercultura têm nos colocado. Alguns autores nos auxiliam a desenvolver uma metodologia de estudo coerente com nossas propostas de pesquisa. Büscher, Urry e Witchger (2011) buscam definir novas formas de análise e esclarecimento do fenômeno da mobilidade e suas diversas manifestações sociais. Oferecem uma gama de novas práticas de investigação, denominadas “métodos móveis”, que seriam mais adequadas às pesquisas sobre as diversas

interconexões entre pessoas, grupos, objetos, locais e sistemas, e, ainda, entre diferentes áreas de conhecimento, que se estabelecem a partir, por meio e em função de diferentes e interdependentes tipos de mobilidades e, conseqüentemente, de imobilidades.

Augé (2010, 2014) também contribui ao pensarmos o debate metodológico em um terreno mais fluido. Ao discutir a ideia de uma antropologia da mobilidade, que se volta para esta nova forma de pensar o nomadismo que se relacionam com a mobilidade atual. Uma mobilidade na qual na qual o nomadismo implica este fazer muitas coisas sem sair do lugar em termos geográficos, mas saindo em termos virtuais, digitais e desterritorializados.

Foram aplicados 70 questionários fruto de encontros presenciais, nos quais era feita uma breve apresentação da pesquisa e seu intuito. Com a concordância dos discentes, os questionários eram preenchidos nos intervalos das aulas, no espaço do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia, na cantina e nos bancos do hall do curso, local de grande movimentação de docentes e discentes.

Os depoimentos obtidos através dos questionários aplicados com discentes do curso de Pedagogia da UERJ gravitaram em torno de temáticas como relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade. Embora a pesquisa já tenha apresentado alguns dados anteriores (VELLOSO, 2017), neste trabalho especificamente, incluímos questionários analisados já no ano de 2018, aplicados mais recentemente, e que envolvem discentes de períodos diversos.

Atrelada à caracterização dos discentes que fizeram parte da pesquisa, vale mencionarmos alguns aspectos pontuados nas questões. Inicialmente focalizamos a questão que se refere à faixa etária. No que tange a este aspecto, vale destacar o seguinte aspecto das informações: 64% do alunado apresenta idades variando entre 20 a 29 anos, o que explicita a predominância de um público jovem. Estas informações foram reunidas no gráfico a seguir:

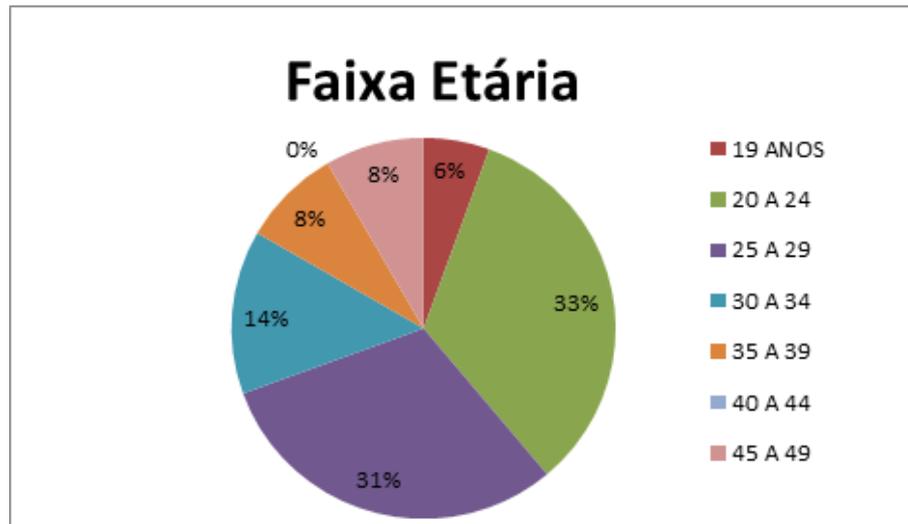


Gráfico 1: Faixa Etária

Na questão sobre o domínio das tecnologias e os recursos que eram solicitados na Universidade, chama atenção o fato de que este domínio é bastante cobrado nas apresentações de trabalho do curso, embora ainda reconhecidamente pouco dominado, sobretudo no que tange ao pacote Office (Word, Excel, Power Point). Um dos depoimentos nos deixou isto bem explícito: *“Sinto certa deficiência por parte dos alunos a utilizar desde criar PowerPoint, planilhas, até montar e instalar o retroprojetor. Acho interessante criar algumas aulas práticas acerca disto”* (J. 22 anos, 2ºP.). A tabela a seguir ajuda a perceber tal panorama, destacando que o e-mail e a Internet são os recursos que contam com maior domínio discente:

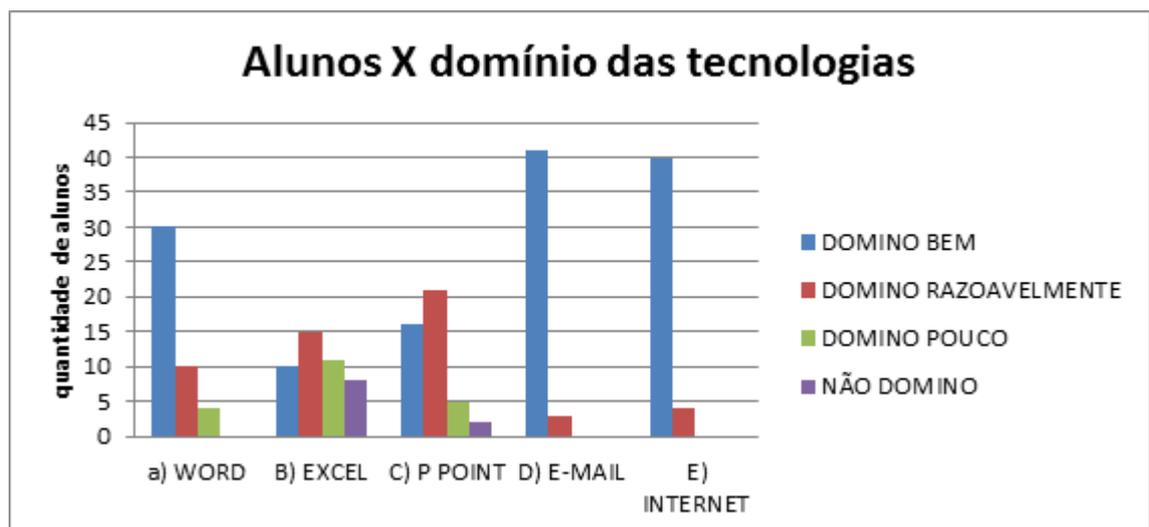


Gráfico 2: Domínio das Tecnologias

Outro aspecto que nos chama atenção é que embora 56% dos discentes alegue que não precise ajuda de terceiros em relação ao uso de tecnologias, tivemos comentários que foram

em direção oposta, tais como: *“Preciso de ajuda de amigos e do meu cunhado, dependendo do programa que vou utilizar. Eu fiz curso de informática na Faetec”* (E. 29 anos, 2ºP); *“Resolvo com ajuda de terceiros, pois, não tenho computador em casa”* (I. 45 anos, 2ºP). Ou seja, por mais que digam que aprenderam “sozinhos/as”, há a presença das mediações, às quais já se referia Martín-Barbero (2003) quando se trata no aprendizado do uso das tecnologias.

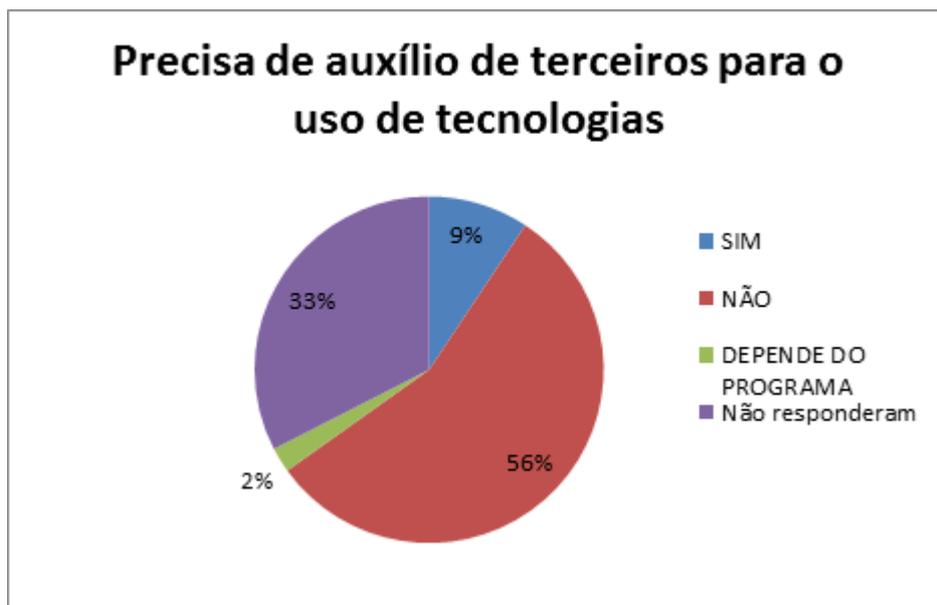


Gráfico 3: “Auxílio de terceiros”

Tivemos também relatos sobre facilidades e dificuldades de acesso ao uso de dispositivos tecnológicos e sua relação com a Universidade. Com isto, identificamos que, como não possuem computadores em suas casas, muitos/as recorrem ao uso de tecnologias móveis, como celulares, para suprir estas demandas. Algumas falas são bem elucidativas e categóricas, como *“Não tenho computador em casa”* (F. 20 anos, 2º P); *“No momento conto com disponibilidades, mas não tenho acessibilidade sempre”* (I. 45 anos, 2º P); *“Tenho dificuldade porque não tenho computador em casa, tenho que ir a casa de alguém”* (F. 20 anos, 2º P).

Conforme a análise dos questionários aplicados, pudemos perceber uma dificuldade no aperfeiçoamento do uso das novas tecnologias, pois, mesmo com acesso a elas encontra-se um obstáculo no seu uso prático pelos alunos que nos responderam. Nesse sentido, entendemos que ter acesso a essas ferramentas não significa saber o potencial e o uso prático nas atividades universitárias que elas podem oferecer.

As demandas são pelo aprendizado de ferramentas desde as mais simples, exigidas pelos docentes assim que ingressam na Universidade, quanto das mais complexas, que vão sentindo necessidade ao longo do tempo. Alguns depoimentos são bem elucidativos: *“Apoio para saber fazer pesquisas, usar sites mais acadêmicos como o Scielo (por exemplo)”* (A. 32 Anos, 6ºP); *“A faculdade nos exige formatações para apresentação de seminários, textos, etc., mas não nos fornece a “capacitação” necessária”* (F. 23 anos, 6ºP); *“Sinto muito a falta de um laboratório de informática no nosso andar”* (A. 32 Anos, 6ºP), algo que parece ser consenso geral. A falta de uma rede de banda larga disponível e acessível também foi mencionada, visto que o acesso aos equipamentos sem uma conexão adequada não é suficiente para atender as necessidades do alunado: *“Acesso ao Wifi no andar é precária. Deveriam disponibilizar mais acesso a Internet, não somente meios”* (C. 25 anos, 8ºP).

Outros discentes trazem uma preocupação mais ampla, para além do que é demandado pelo curso de Pedagogia, mas sim em sua vidas extra-acadêmicas, conforme expresso em falas como: *“Sim, porque o mercado está pedindo essa integração com as novas tecnologias”* (D. 32 Anos, 6ºP). A ênfase da preocupação com o mercado de trabalho também surgiu na seguinte fala: *“também sinto falta de aprender novas tecnologias na Universidade, porque isso auxiliaria em nossos espaços de trabalho, por exemplo: vídeo do Youtube, baixar música em CD com foto junto entre outros...”* (A. 32 Anos, 6ºP).

Por conta da questão dos usos, foi citada então, em diversos questionários a necessidade de uma disciplina que aborde especificamente essa temática, tanto de forma mais teórica quanto prática, para que assim seja possível a mudança que as novas tecnologias podem proporcionar para as relações de ensino e aprendizado. Algumas falas traduzem esta preocupação, tais como: *“Não sinto falta, pois estudei informática, porém acho que seria interessante ter aulas de informática para que os alunos que não tem domínio de determinados programas possa, aprender sobre eles”*. (A. 21 anos, 3ºP); *“Sinto falta sim, não mais por uma questão tendenciosa ou lúdica, mas como instrumento pedagógico”* (F. 33 anos, 3ºP); *“Sim, isso tornaria tudo muito mais fácil, principalmente para aluno que vem de tão longe como eu e às vezes venho e o professor não está e não se dá nem ao trabalho de avisar”* (K. 28 anos, 6º P). A partir dos registros, ficou bem evidenciada a necessidade de um aprofundamento sobre o estudo dos usos dos recursos em um contexto no qual, grande maioria dos discentes não possui tempo para se dedicar a este aprendizado fora do contexto das aulas.

Em nossas análises trazemos então informações que aparentemente parecem paradoxais, mas se tratam de discursos sobre os usos de dispositivos tecnológicos e como estes/as

alunos/as significam estes usos. Percebemos que algumas pessoas terem respondido que não precisam de auxílio de terceiros para o uso de novas tecnologias. Porém, em nossas observações podemos destacar duas reflexões: 1) Talvez a maioria não saiba a dimensão do quanto é veloz a evolução da tecnologia e que aprendemos todo dia a utilizar novos recursos, sempre sendo reinventada e modificada. 2) Embora os discentes que precisam de ajuda apareçam como minoria, podem ter dificuldades de socialização e acompanhamentos nas aulas, gerando uma ampla discussão que permeia por esse tema, principalmente na inclusão da comunicação virtual entre as aulas e a realidade do/a aluno/a.

### **Conclusões**

Em termos mais gerais no contexto de começos do século XXI, podemos constatar o advento cada vez mais presente do que se tem considerado um contexto de cultura digital, na qual a portabilidade parece ser um dos itens primordiais, conforme indicam Fantin e Rivoltella (2012). A ideia de portabilidade se associa a percepção de que os aparelhos tendem a ficar cada vez menores e/ou mais leves, podendo ser transportados com facilidade. Como nos dizem os autores citados, “a tecnologia vira uma roupa, sem a qual é difícil sair de casa” (p.97). Assinalam as múltiplas possibilidades que os recursos tecnológicos possibilitam: conectar-se, comunicar-se, editar textos e imagens. Uma difusão crescente dos dispositivos portáteis que chega a causar a crescente perda da centralidade da TV. O que intentamos questionar, tomando como foco os alunos e as alunas do curso de Pedagogia da UERJ é até que ponto esta cultura digital tem sido diferentemente usufruída e de que modos.

A partir de nossas análises, em termos de conclusões provisórias deste texto, entendemos que por mais que se pense que há a inclusão digital para todos/as de forma indistinta, muito em função da ampliação do acesso às tecnologias digitais móveis, retomamos a indagação que intitula nossos escritos questionando a ideia de um mundo que cabe nas mãos, quando nem sempre estas mãos conseguem acessar os dispositivos que se colocam quase como “passaporte” para este universo digital. Com isto, podemos inferir, a partir da análise dos questionários, que se torna urgente uma formação que possa permitir aos discentes, que possuem diferentes níveis de capitais de rede e acessos, uma formação que lhes possibilite lidar com as demandas que um mundo cada vez mais conectado coloca.

Os depoimentos discentes corroboram para nossa assertiva sobre a questão da formação, e isto assinalado por discentes tanto dos períodos iniciais como de períodos finais. Temos como exemplo: “*Sinto falta de um aprofundamento sobre o uso da tecnologia em favor da educação*” (R. 21 anos, 7ºP). Alguns fazem até mesmo o apelo por uma disciplina mais

“prática” em que o uso dos dispositivos digitais fosse explorado como expressaram os discentes: “[...] disciplina que nos auxilie a usar novos programas que nos ajude em sala de aula, porém não dá para ser cobrado para os alunos em casa, se não temos acesso. A faculdade precisaria disponibilizar os computadores nas aulas” (J. 21 anos, 6ºP) ou solicitam auxílio mais específico em relação ao que a própria universidade demanda:

*“[...] não precisamente poderia ser uma aula, mas que poderíamos obter informações, ou ajuda e indicações de como utilizar melhor o Word, E-mails, entre outros que nos facilitem a fazer pesquisas e trabalhos conforme as regras da universidade que tem como exemplo a ABNT” (S. 22 anos, 3ºP).*

Estes aprendizados podem contribuir para uma significativa melhora das relações de ensino e aprendizado, possibilitando então, uma negociação entre tradições e inovações nas salas de aula. Com isto, os alunos/as podem se interessar com mais facilidade pelos conteúdos propostos, pois desta maneira se identificam com os dispositivos utilizados e a linguagem digital que os mesmos lhes apresentam.

É importante mencionar, que é necessário nos voltarmos para a questão da valorização dos docentes em relação a um tríptico enfoque, dentre os quais destacamos: a formação e carreira, salário e condições de trabalho.

Concluimos, assim como Pretto (2013), defendendo o que o autor denomina uma “ética hacker” para pensar uma formação docente. Para além das críticas usuais ao “hacker”, o autor se apropria desta ideia para pensar que este contribui para a sociedade, pelo fato de se deter na criação de redes sociais e difusão de informações, para além do que está tradicionalmente colocado como senso comum. Essa ideia de colaboração, generosidade e compartilhamento é de grande valia na construção de um planeta que não seja autodestrutivo e sim colaborativo.

Defendemos que os espaços das Faculdades de Educação possam garantir a participação cidadã dos discentes (considerando seus diferentes níveis de capital de rede), acessando o ciberespaço, a partir de uma lógica de colaboração, de liberdade de acesso e de políticas públicas que permitam a criação permanente, para além do mero consumo de recursos já existentes.

Com isto a participação de docentes e discentes na produção de materiais educacionais digitais, disponibilizados de forma aberta para que diferentes usuários possam manuseá-los, remixá-los, reconfigurando, estabelecendo uma criação de novos produtos que também ficarão disponíveis para a comunidade mais ampla. Pois se o mundo ainda não couber em nossas mãos, que possamos ir aos poucos construindo o mundo que queremos. E nisto os dispositivos móveis muito podem nos auxiliar.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia da Mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. **O antropólogo e o mundo global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BÜSCHER, Monica ; URRY, John ; WITCHGER, Katian. **Mobile Methods**. London: Routledge, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

FANTIN, Monica ; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: \_\_\_\_\_. (orgs.). **Cultura digital e escola e escola**: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p.95-146.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

\_\_\_\_\_. ; FORD, Sam; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LEMONS, Ronaldo ; DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2014.

PRETTO, Nelson De Luca. **Reflexões**: ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. p. 51- 68.

BONILLA, Maria Helena Silveira ; PRETTO, Nelson De Luca. (orgs.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011. v. 2.

BONILLA; Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499 - 521, maio/ago. 2015.

URRY, J. **Sociology Beyond Societies**: mobilities for the twenty-first century. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

\_\_\_\_\_. ; ELLIOTT, A. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.



VELLOSO, L. MEDIAÇÕES TECNO[I]LÓGICAS, SOCIALIZAÇÃO E CURRÍCULO. e-  
Mosaicos, v.6, p.176 - 189, 2017b.